

Le passager du Tassili / 1986

um filme de Sarah Maldoror

Realização: Sarah Maldoror / **Argumento:** Albert Kantof, Akli Tadjer, a partir do romance "Les A.N.I. du Tassili" de Akli Tadjer / **Direção de Fotografia:** Cyrille Lathus / **Som:** Serge Deraison, Philippe Jantet / **Direção Artística:** Gérard Roger / **Montagem:** Michel Latouche, Dominique Marcombe / **Música:** Rachid Bahri / **Interpretação:** Lounès Tazaïrt (Omar), Anne Caudry (Nelly), Anne Lipinska (Francine), Smaïn (Fefer), Malek-Eddine Kateb (Aboub Atomic), Salah Teshouk (Chérif), Karim Bejaoui (Hakim), Catherine Alcover (Senhora Vergeli), Salmy Aziz (Madjib), Maurice Chevit (Senhor Ernest), Souad Amidou (Safia), Luc Bernard (o belga), Paul Crauchet (Senhor Vergeli), Yasmine Bourguignon (a tia de Omar), Juliette Brac (Senhora Ernest), Simon Elbaz (o pai de Hakim), Brahim Ghenaiem, Rabah Loucif, Mohamed Mazouz, Smail Mekki, Leïla Meski, Abaïd Moa, Jamal Nielsen, Farid N'Haoua, Djamilia Olivesi, Eliane Petit, Fatima Soulhia, Mostéfa Stiti, Nadia Touil, Claude Zeltser, Charles Zeltser, etc.

Produção: Antenne 2 (França) / **Produtor:** Jean Capin / **Cópia:** ficheiro, cor, 88 minutos, legendada eletronicamente em português / Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

-
- Sei o que é ser estrangeiro na sua terra.
 - E o que é preciso para se ser de qualquer lado?
(dos diálogos do filme)

Le passager du Tassili possibilitou a Sarah Maldoror regressar profissionalmente a Argel, cidade a que a sua obra está ligada por boas e más razões. Pouco depois de ter estudado na VGIK em Moscovo, foi aí que deu os seus primeiros passos no cinema como assistente de realização de Gillo Pontecorvo no lendário **La battaglia di Argeli** (1966), filme-bandeira das lutas anti-coloniais, tendo depois permanecido e trabalhado a partir da capital argelina nos seus primeiros projectos em nome próprio. Problemas com as autoridades militares argelinas na sequência da rodagem de **Des fusils pour Banta** em 1970, determinaram a sua expulsão do país e a apreensão (e provável destruição) do material filmado dessa obra sobre o movimento independentista na Guiné-Bissau (sobre a "história" desse filme perdido, exibimos neste Ciclo, no próximo dia 7, um interessante documentário, **Préface à Des fusils pour Banta**).

Será possível ler na ambivalência de sentimentos da personagem Omar no seu regresso a Argel a bordo do Tassili algo da biografia da própria Maldoror na sua conturbada relação com a Argélia, mas fundamentalmente o que parece aproximar essa personagem da realizadora é porventura a partilha de um mesmo sentido de desenraizamento, de não-pertença a um único país, que é o tema central deste filme só aparentemente mais ligeiro no conjunto da filmografia mais vigorosamente política e empenhada de Maldoror. O olhar da "apátrida" Maldoror sobre as peripécias vividas por Omar na sua viagem de ida e volta à Argélia por causa de um passaporte

extraviado, num tom mais frequentemente próximo da comédia de costumes do que do “drama social”, é bastante empático da sua condição de emigrante enquanto alguém permanentemente oscilando entre dois mundos sem que sinta uma identificação plena com qualquer deles. Maldoror filma aqui as contradições geradas pela emigração argelina em França nas múltiplas manifestações de incompreensão entre os que ficaram e os que escolheram partir (mas seria fácil imaginar um “Le passager du Sud Express” feito sobre a comunidade portuguesa emigrante em França que colocasse alguma das mesmas questões). No caso específico destas duas comunidades separadas pelo Mediterrâneo e o dia e meio que demora a viagem do Tassili entre Marselha e Argel, o atrito acentua-se pelo facto da emigração ser feita do país colonizado para o país colonizador. Pouco mais de vinte anos decorridos sobre a independência argelina, algumas feridas permaneciam ainda bastante visíveis (como é dado a ver de forma mais literal na sequência em que um dos passageiros, da geração que fez a guerra de libertação, exhibe as marcas de tortura às mãos do exército francês perante o desconforto dos que desejam esquecer esses tempos).

Mais apaziguada do que seria de esperar no tratamento de um tema que lhe foi tão caro (mas, vista da pacatez de meados dos anos 80 - e antes da sangrenta guerra civil argelina que se iniciaria inesperadamente em 1991 -, a violência revolucionária e anti-colonialista dos anos 60 deveria parecer já uma época bastante remota), Maldoror foi fiel ao espírito amável do romance que serve de partida ao filme (“Les A.N.I. du Tassili”, em que o acrónimo significa Argelinos Não Identificados), não hostilizando nenhum dos lados dessa comunidade nacional partida em duas pela questão da emigração e optando por um simpático tom menor em que o uso do humor e da ironia suavizam personagens e situações nos seus aspectos mais ásperos (as manifestações de racismo ou a persistência do machismo na sociedade tradicional argelina, por exemplo). Nas suas equívocas visões do “outro lado”, revela-se um conflito que, mais do que político, é sobretudo de natureza identitária (curiosamente onde se nota mais alguma simplificação caricatural será no retrato dos passageiros “estrangeiros” – franceses, belgas - que viajam a bordo do barco como turistas). Talvez também o facto de **Le passager du Tassili** ser na origem um telefilme produzido para um canal generalista francês explique algo dessas opções e uma menor inventividade formal (sem prejuízo de que uma componente muito significativa e muito relevante da obra de Maldoror tenha sido concebida num contexto de produção audiovisual destinado à televisão é inevitável que neste caso - o de uma ficção de longa metragem feita para o indistinto grande público televisivo e com um orçamento e um tempo de produção certamente mais reduzidos do que os do cinema - o *medium* condicione a mensagem).

Mesmo as limitações dessa formatação televisiva não impedem que haja boas ideias de cinema em **Le passager du Tassili** (mesmo que em versão série B...) e Maldoror mostra bastante destreza e sentido de economia na articulação dos fios de uma narrativa que, embora circunscrita ao espaço do interior do navio durante dois terços da sua duração total, se multiplica por um grande número de personagens secundárias. Para além de evocar a circularidade da viagem do Tassili e mostrar idêntico sentido de economia narrativa, a repetição *ipsis verbis* do primeiro plano do filme (uma vista aérea sobre o bairro de Omar nos subúrbios parisienses de Seine-Saint Denis) tem também um sentido conciliador ou reparador (e talvez não apenas para Omar pois foi igualmente em Saint Denis que Sarah Maldoror viveu em França depois de sair da Argélia como *persona non grata*).